

VOZES DO MUCAJÁ: COMUNIDADE, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO¹

Karina Soares PACHECO²
Laura de Oliveira MACHADO³
Luana da Conceição SILVEIRA⁴
Luiza Nobre de Menezes MELO⁵
Pedro Henrique de Monteiro SOUZA⁶
Rayane de Almeida PENHA⁷
Rubson Alves da COSTA⁸
Patrícia Teixeira Azevedo WANDERLEY⁹

Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

Resumo:

O objetivo desta pesquisa ainda em andamento é expressar as diferentes realidades encontradas no conjunto habitacional Mucajá, objeto de pesquisa do estudo em questão, mais especificamente com as crianças da comunidade. Levando em consideração as consequências sociais, principalmente os estigmas e estereótipos convencionados sobre os moradores, influenciando diretamente na maneira em que eles se percebem e são percebidos. A metodologia que está sendo utilizada se dá através de pesquisas de campo para comprovação in loco das problemáticas; além das oficinas recreativas e de produção de fanzines, que incentivam nas crianças o sentimento de pertencimento no ambiente em que vivem, fugindo um pouco da marginalização, e construindo subsídios para que elas possam executar os projetos comunicativos por conta própria, após a finalização da experiência.

Palavras-chave: Mucajá; comunidade; pertencimento; comunicação; crianças.

INTRODUÇÃO

A comunidade que se formou durante os anos 80 em um área de várzea nas proximidades da orla do Rio Amazonas, era composta predominantemente por ribeirinhos que vinham do interior do Pará em busca de oportunidade de emprego e melhorias de vida. Resultado de uma aglomeração de barracos, a antiga Vila do Mucajá não possuía infraestrutura para acomodar a população, que enfrentou durante

¹ Trabalho apresentado no GT3 - Análise de mídia, gestão e estratégias comunicacionais no II Comertec Jr. do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mercado e Tecnologia (COMERTEC), realizado de 14 a 16 de junho de 2018 na Universidade Federal do Amapá (Unifap).

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: karinnapacheco07@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: lauramaachado@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luanasilveira@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: Henrique_msouza@outlook.com

⁷ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: rayane.trabalho@gmail.com

⁸ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: r.alvesjor@gmail.com

⁹ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: professorapatriciateixeia@hotmail.com

anos problemas com saneamento básico, energia elétrica, títulos de posse dos terrenos e segurança.

Após anos de negociação com a gestão municipal e federados, com o Ministério Público e a Polícia Federal, o projeto do conjunto habitacional Mucajá foi projetado através do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), criado pelo governo Lula (2007). Abrangendo 595 apartamentos, distribuídos em 37 blocos com 16 unidades habitacionais cada.

Desse modo, estamos desenvolvendo um estudo com o foco nas mulheres e crianças da vila. Imergindo nos costumes da comunidade, percebe-se a fragilidade de uma parcela da população que vive em estado de vulnerabilidade social, e dessa forma precisa lutar pela qualidade de vida em seu espaço, concomitantemente aos esforços de não deixar de ver o ambiente de maneira afetiva.

REVISÃO DA LITERATURA

Para que tivéssemos propriedade de fala na condução das atividades, recorremos a teóricos relacionados não somente à comunicação, mas também a memória e a sociabilidade. Como Pollak (1989) cita em seu texto "Memória, Esquecimento, Silêncio", a operação coletiva da memória, a partir da interpretação do passado, reforça sentimentos de pertencimento. Dessa forma, trabalhar com as experiências e produzir trabalhos que tenham como base as lembranças, voltando-se para a ressignificação do espaço.

"Antes da comunicação ser um direito do cidadão, é dever do Estado fomentar os pequenos meios de comunicação, criando programas e projetos que possibilitem o exercício desse direito historicamente negado e distorcido" (FERREIRA, 2008). A utilização da comunicação comunitária para a criação de um canal onde a comunidade pudesse falar por si sem a interferência dos estigmas impostos pela mídia hegemônica, sendo esse também um exercício da democracia.

METODOLOGIA

O trabalho é desenvolvido com oficinas tanto para os adultos quanto para as crianças. No processo de imersão, estamos trabalhando com um grupo de 17 crianças no total, de idades entre 4 e 13 anos, algumas delas, ainda sem alfabetização, necessitam de maior atenção para construir as atividades propostas, ainda assim a falta de escolaridade não é empecilho para o desenvolvimento das fanzines, tendo em

Tema: "O desafio da comunicação e mercado em ano eleitoral"

vista que recebem orientações para desenvolver suas produções livremente, de forma escrita ou por meio de gravuras, respeitando a temática das respectivas oficinas.

O andamento do projeto só está sendo possível com o auxílio de moradores que estão à frente da comunidade, tornando exequível o primeiro contato entre universidade e comunidade. Estabelecendo, por conseguinte, uma troca de experiências e a construção coletiva da pesquisa, caracterizando o que Thiollent (1985), **citado por** Gil (2008), define como “pesquisa-ação”:

(...) é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Os encontros são semanais e feitos no próprio conjunto habitacional ou em seu entorno. Pensou-se na realização de um documentário que gere esse espaço de fala, mas que também seja um meio de preservar a memória desse local e toda a história de luta por moradia e dignidade. Um processo que tem como pano de fundo diversos subtemas que se encaixam no ato de contar a história de uma comunidade formada por ribeirinhos, em sua maioria mulheres negras, que resistem ao permanecer com suas moradias em um conjunto habitacional denegrado de diversas formas e localizado em uma área nobre da cidade de Macapá.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A ideia de fazer um projeto voltado para comunicação no conjunto habitacional do Mucajá, surgiu a partir do encontro dos alunos da disciplina de comunicação comunitária do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá, com uma das líderes da comunidade, Alexandra Barros e a assistente social representante do Ministério Público Estadual, Alzira Nogueira. O MP já estava efetuando alguns projetos para o conjunto e sentiu-se a necessidade de que houvesse um projeto de comunicação, dando abertura para que os acadêmicos realizassem as atividades.

A priori, pensou-se em algo que fosse construído de forma acessível e a partir das necessidades dos moradores locais, não sendo uma “apropriação acadêmica” das

vivências dessas pessoas, mas sim um projeto coletivo que, ao final da disciplina eles adquirissem autonomia para dar continuidade ao plano.

A partir da definição das metodologias que seriam utilizadas no projeto, o trabalho está sendo desenvolvido com oficinas tanto para os adultos quanto para as crianças, a ideia é criar um espaço que possibilite a participação das mães. Os encontros com as mulheres são feitos em rodas de conversas e os primeiros momentos são para desenvolver a ideia de como usar a comunicação para mobilizar e empoderar a comunidade.

A escrita sempre esteve de alguma forma, associada ao poder. Nas civilizações antigas os escribas detinham o poder da escrita, pois o domínio dessa tecnologia era de conhecimento restrito. Esse poder os aproximava de classe dominantes (reis, faraós) que sancionavam as informações que deveriam ser registradas. Assim, poucos tinham o poder de decidir o que seria ou não registrado, poucos tinham o poder - capacidade de fazer - este registro e, portanto, de decifrá-lo (BAQUERO, 2012, p. 175).

Baquero (2012) compreende a importância da comunicação como um método de poder, que na maioria das vezes é concentrada nas mãos de um determinado grupo, pertencente a classe dominante e mais poderosa.

O objetivo principal do projeto é estimular nos moradores, especialmente nas crianças, os sentimentos de pertencimento e coletividade, para que eles cresçam cientes da importância de cuidar e valorizar o seu espaço de vivência. Dessa forma, desenvolvemos um plano para trabalhar oficinas de fanzines¹⁰, além de brincadeiras recreativas para envolver as crianças e, aos poucos, estabelecer vínculos entre a comunidade e os estudantes.

A escolha de uma abordagem que envolve narrativa literária do universo infantil, como a literatura, história em quadrinhos e ilustrações, facilita a adesão das crianças às atividades, e dessa maneira, inicia diálogos sobre a realidade social espontaneamente, permitindo com que as próprias crianças enxerguem os benefícios de conviver e habitar na comunidade do Mucajá.

Além das oficinas para o público infantil, são pensados círculos de diálogo para estabelecer maior interação, e construir junto às mulheres, um documentário com a história do conjunto habitacional contada a partir do ponto de vista dos moradores.

¹⁰ Pequena revista que pode ser produzida com temas diversos, sendo fotocopiadas ou manuscritas.

Tema: "O desafio da comunicação e mercado em ano eleitoral"

Para isso, coletamos recortes de jornais antigos, produzidos por eles, fotografias e memórias de momentos marcantes, que fazem parte das lembranças do que se entende da coletividade.

Segundo Michael Pollack (1992) a memória está diretamente ligada a lugares, e até monumentos podem nos remeter a períodos em que experienciamos diretamente uma história ou a absorvemos "por tabela", como resultado de uma vivência coletiva.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992, p. 201).

Na comunidade em questão, percebe-se a memória de momentos marcantes, como a luta por maior reconhecimento do lugar junto às autoridades, memória essa presente nos adultos, diferenciando-se do contexto que é transmitido pelos veículos de massa, de que ali existe apenas violência e caos.

Na visão das crianças, o espaço de vivência não oferece tantas possibilidades, como é mostrado nas mídias. Logo, a visão fantasiosa de comunidade perfeita acaba servindo como comparativo para o que eles possuem de fato: uma construção desamparada e estigmatizada, influenciando diretamente na maneira como eles se veem e são vistos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia inicial de construir uma troca mútua de vivências está ultrapassando o esperado, tendo em vista a imensidão de conhecimento compartilhado pelos moradores. Nosso objetivo nunca foi chegar na vila, conhecer as pessoas e coletar o que nos fosse conveniente para desenvolver uma pesquisa, mas sim dar voz e espaço para que eles pudessem contar suas histórias pelo ponto de vista dos próprios moradores. E dessa forma, estabelecer uma relação de confiança, para que eles se sentissem à vontade em compartilhar suas vivências. É perceptível a mudança no comportamento das crianças desde o contato inicial, aos poucos demonstrando maior

confiança e afeto por nós e pelo projeto, estando cada vez mais dispostos a participar e ajudar no que for necessário. Gostaríamos de salientar que nossa pesquisa está em andamento, e nossas conclusões ainda são parciais.

REFERÊNCIAS

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro., v.2. n.3, p. 3 - 15.1989.

BAQUERO, R. V. A. **A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento**. *Revista Debates*, Porto Alegre, v 6, n.1, p. 175, jan./abr., 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

FERREIRA, G. M. **A construção da democracia midiática na sociedade digital: das políticas públicas às ações comunitárias**. In: GOBBI, Maria Cristina. (Org.). *Ciências da Comunicação no Brasil democrático*. São Paulo: Intercom, 2008, v. 4, p. 93-113.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas: São Paulo, 2008.
HENRIQUES, S. M. **Comunicação e estratégias de mobilização social**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro., v.5. n.10, p. 200 - 212.1992.